1ª edição da 3ª parte

- ver Barbosa de Moraes, I, 361

- exemplar raro

CS.sss188

MARILIA
DE
DIRCEO.

MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

TERCEIRA PARTE.

NPJCB

LISBOA:

Na Offic. de Joaquim Thomas de Aquino Bulhoens. Anno de 1800.

Com licença da Real Meza do Desembargo do Paço.

PROLOGO.

SEM nos constituir-mos ingratos, naõ nos podiamos subtrahir á publicaçaõ desta Terceira Parte de MARILIA de DIRCEO. A acceitaçaõ com que o respeitavel Público recebeo a Primeira, e Segunda Parte, exigía huma impreterivel correspondencia; por cujo motivo naõ nos quizemos poupar ao excessivo trabalho de recolher com a mais exacta legalidade os Versos, de que se compoem este Folheto, obtidos das mãos de alguns Curiosos, que por saberem avaliar o merecimento do seu Autor, com todo o cuidado os conservavaõ.

Poucos Poetas até o presente tem cantado taõ bem amor, e ternura, como o nosso: elle nos descreve a natureza em toda a sua energía; e com

com as mais ſenſiveis, e modeſtas côres nos pinta os effeitos de huma viva paixaõ. Aonde ſe encontraráõ tantas bellezas, tanto mimo Poetico como na prezente Collecçaõ! Nós vemos diſperſas por eſta Obra a brandura dos *Matos*, a pureza dos *Quitas*, a ſublimidade dos *Garções*; em fim a ſuavidade, e as mais graças, que em particular ſe admiraõ em cada hum dos mais celebrados Poetas, encontrámos, bem como em compendio, nos verſos do noſſo Poeta.

A prompta extracçaõ de quaſi dous mil exemplares da Primeira, e Segunda Parte deſtas Lyras em menos de ſeis mezes, he hum irrefragavel argumento, do que acabamos de dizer; apenas appareceo a Primeira Parte, de tal ſorte foi recebida, dos que amaõ os encantos da Poeſia, que nos vimos preci-

ciſados a reimprimi-la, para ſatisfazer-mos a quem no-la buſcava; motivos eſtes, que cooperáraõ para a publicaçaõ deſta Terceira Parte, que naõ ſó pelo ſeu merecimento, como por completar a Collecçaõ, eſperamos corra a meſma fortuna das outras; ficando por eſte modo ſatisfeitos os ſenhores Curioſos, que eſte he ſó o intereſſe, que deſejamos alcançar das diſpezas, e longos trabalhos, que tivemos em proporcionar-lhes a ſatiſfaçaõ do ſeu goſto.

MARILIA
DE
DIRCEO.

LYRA I.

COMO alegre vem naſcendo
A ſerena madrugada!
Já d' aurora a luz dourada
Duvidoſa vem raiando.
E tu deſcançando,
Marilia formoſa,
Eſcutar naõ vens
Minha vóz ſaudoſa.

O ſuave rouxinol
Já deſampara o ſeu ninho;
E no torcido raminho
Namorado eſtá cantando.

E tu deſcançando,
Marilia formoſa,
Eſcutar naõ vens
Minha vóz ſaudoſa.

O ſolicito paſtor
Lá ſáe do pobre agaſalho;
E pelo rude trabalho
O deſcanço vai deixando.
E tu deſcançando,
Marilia formoſa,
Eſcutar naõ vens
Minha vóz ſaudoſa.

Ainda a luz matutina
Cõ a noite ſ' equivocava;
Já eu, oh Marilia, eſtava
Pelo teu nome chamando.
E tu deſcançando,
Marilia formoſa,
Eſcutar naõ vens
Minha vóz ſaudoſa.

Naõ penſes que deſgoſtoſo,
Queixas fórmo contr' Amor;
Mil canções em teu louvor
Brandamente eſtou cantando.

E tu deſcançando,
Marilia formoſa,
Eſcutar naõ vens
Minha vóz ſaudoſa;

Canto ao ſôm da minha Lyra
Tua rara perfeiçaõ,
Com que Amor doura o grilhaõ,
Que alegre vou arraſtando.
E tu deſcançando,
Marilia formoſa,
Eſcutar naõ vens
Minha vóz ſaudoſa.

Mas que ſobreſalto! eu vejo
No prado andar huma Eſtrella!
Ah! naõ, he Marilia bella,
Que para mim vem chegando.
Delicias deixando,
Marilia formoſa,
Vem meiga eſcutar
Minha vóz ſaudoſa.

LYRA II.

N'UMA escura gruta,
Funebre, e sombría,
Onde entrar naõ pode
Esplendor do dia.
O Mago Sileno
Sózinho abitava;
E nella d' amor
Mysterios sondava.

O terno Dirceo
A este sitio corre:
Dirceo, que d' amores
Por Marilia morre.

Eis que ao sitio chega,
Que horrores exalla
Desta sorte ao Mago,
Tremendo lhe falla:

Oh! tu graõ Sileno,
Que á força d' encanto
Tornas em prazer
D' amantes o pranto.

Dize-me ſe tanto
Poder em ti ha:
A minha Marilia
Conſtante ſerá?
Baſta: diz o Mago;
E ſem ſe deter,
Em hum livro pega,
E ſe pôz a lêr.

Oſſos ſerpentinos,
Seccos, e mirrados,
A arder logo põem
Feitos em bocados.

Eis que o fogo accende;
Eſparge no fumo
D' hervas venenoſas
Peſtifero çumo.
Trez vezes invóca
D Erycina o nome;
Em quanto a materia
O fogo conſóme.

Apenas s' extingue,
Eſtrondo s' eſcuta;
Q' até de temor
Eſtremece a gruta.
Em nuvem dourada
Amor apparece;
Que com maõ mimoſa
Huma coroa tece.

Eſcuta, Dirceo,
Amante feliz;
C'uma vóz divina
Amor entaõ diz:

Mais firme, que a rócha
Dos ventos ſoprada;
Marilia ſerá
Por Dirceo amada.

LYRA III.

LEO-SE-ME em fim a ſentença
Pela deſgraça firmada;
Adeos Marilia adorada
Vil deſterro vou ſoffrer.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que entaõ ſenti,
Juſtos Ceos! naõ ſei dizer.
Auzente de ti, Marilia
Que farei? irei morrer.

Mil penas eſtou ſentindo
Dentro n'alma; e por negaça
Me eſtá dizendo a deſgraça,
Que nunca mais t' eide ver.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios Lares,
Naõ me fére o ſentimento;
Porém ſuſpiro, e lamento
Por taõ cedo te perder.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Naõ ſaõ as honras que perco,
Quem motiva a minha dór;
Mas ſim ver, que o meu amor
Eſte fim havia ter.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

A maõ do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com q' amor nos quiz prender.
Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Pode de ti separar-me;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Auzente de ti, Marilia,
Hei-de amar-te até morrer.

LYRA IV.

QUE vezes julga, que morre
Hum naufragante no mar;
E entaõ a ſorte o ſoccorre,
Levando-o a ſalvaçaõ!
Só eu na eſcura prizaõ,
Aonde morrendo vivo,
Naõ encontro lenetivo
Na minha dura affliçaõ.

Lutando com a pobreza,
Vive o mortal indigente;
Té que a próvida riqueza
O tira da preciſaõ.
Só eu na eſcura prizaõ,
Aonde morrendo vivo,
Naõ encontro lenetivo
Na minha dura affliçaõ.

Combatendo o inimigo
Encontra o Soldado a ſorte,
Q' o livra de todo o p'rigo
Na mais arriſcada acçaõ.
Só eu na eſcura prizaõ,
Aonde morrendo vivo,
Naõ encontro lenetivo
Na minha dura affliçaõ.

Ao fôm do pezado ferro
Chora o triſte degradado;
Té que o livra do deſterro
Huma poderoſa maõ.
Só eu na eſcura prizaõ,
Aonde morrendo vivo,
Naõ encontro lenetivo
Na minha dura affliçaõ.

No carcere, ou no degredo,
Na doença, ou na pobreza,
Ou lá mais tarde, ou mais cedo
Todos tem consolaçaõ.
Tambem eu nesta prizaõ,
Aonde morrendo vivo,
He Marilia o lenetivo
Na minha dura affliçaõ.

LYRA V.

FUlgidas Eſtrellas
Logo s' amortecem,
Tanto que apparecem
De Titan os raios.

Tambem ſe Marilia
Moſtra a face pura;
Toda a formoſura
Padece deſmaios.
Seu lindo roſto,
Encantador
He doce paga
Do meu amor.

LY.

LYRA IV.

VAIDOSA a Fortuna
Da ſua riqueza
D' amor eſcarnece
A triſte pobreza.
Riſonha o conduz
A ſeu Templo, aonde
Immenſas riquezas
Dos mortaes eſconde.

As portas do Templo
De fino Ouro ſaõ;
E em rijos brilhantes
Cravadas eſtaõ.
Apenas que as vê
A Deuza potente,
Qual o relampago,
Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vê taõ ſomente
Safiras, rubins,
E o metal fulgente.

D'um lado em cofres
Que ſó d' ouro ſaõ,
Corôas, e Sceptros
Fechados eſtaõ.
E para outro lado
Eſpadas, baſtoens,
E corôas de louro
Eſtaõ aos montoens.

Pelo chaõ ſem num'ro
Rólaõ diamantes
Pedras precioſas,
Metaes rutilantes.
Em eburneo throno,
Qual outro naõ ha,
A Deuza s' aſſenta
Se no Templo eſtá.

Em fúlgidos vaſos,
Ante o ſeu altar,
Gomas Nabatheas
Ardem ſem ceſſar.

A' amor com vaidade
A Deuza moſtrava
Toda eſta riqueza,
Que em ſeu Templo eſtava.
Depois com deſdem,
Surrindo-ſe lhe diz:
Entaõ meu menino
Tu es taõ feliz?

O terno Cupido
Que de raiva eſtalla,
A' Deuza voluvel
Deſta ſorte falla:
Se de ouro, nem pedras
Tu vês ſou ſenhor;
Tambem tenho bens
De maior valor.

Dizendo iſto partem
Em vôo deſpedido
Ao Templo, onde amor
Se venéra em Gnido.

Agora verás
Lhe diz: *hum theſouro*;
Que val muito mais,
Que todo o teu Ouro.
Contente lhe moſtra
Marilia engraçada,
De amantes dezejos
Em torno cercada.

Eisque a Deuza vê
Marilia formoſa;
Confeſſa a victoria,
E foge raivoſa.

LYRA VII.

EM quanto o ſordido aváro
No ſeu theſouro empregado,
Sem ceſſar conta o dinheiro
Com mil uſuras ganhado;
Sem jámais deſcanſo ter
Com o receio de o perder:

Em quanto no fragil vaſo
Corta o Nauta o falſo mar,
Para de longiquas terras
Os cabedaes tranſportar;
Arriſcando neſta lida
Co' a riqueza a propria vida:

Em quanto audaz General
Com ataques, e ſortidas
Manda á fria Libitina
Com a ſua triſtes vidas;
Só para fazer diſtincto
O ſeu nome do ſangue tinto:

Eu á margem deſte rio
Ondé o gado a paſtar deito,
De Marilia a doce imagem
Conſervo dentro em meu peito;
E ao ſom da ſuave Lyra
Canto idéas que amor me inſpira.

LYRA VIII.

HUM dia que o gado
No prado guardava;
Amor me apparece
Com arco, e aljava.
No tronco mais verde
Que no prado ouveſſe
Amor me mandou,
Seu nome eſcreveſſe.

Contente partí
Hum tronco buscar,
Para nelle as ordens
Prompto executar.

No tronco d'um freixo
Que viçoso vi;
Quiz gravar amor,
Marilia escrevi.

Tanto que amor vê
O engano feliz,
O nome beijando
Alegre me diz:
Naõ temas Dirceo
Naõ mudes de côr;
Nesse doce nome
Escreveste amor.

LYRA IX.

COMO correm brandamente
Da noite as horas ſombrias!
Que manſo murmurio fazem
Deſte rio as agoas frias.
A negra triſteza
Que o ſitio produz
Minha alma conduz
A mil agonias.

As Opacas, grotas nuvens
Que do Sul correndo vaõ,
A furto deixaõ raiar
Da Lua o froixo claraõ.
A palida luz
Que a medo apparece;
Ah! quanto entriſtece
Eſta ſolidaõ.

Noctivagas aves giraõ
Neſte lugar pavoroſo;
E quanto he melancolico
O ſeu graſnido horroroſo!
Seu funebre Canto,
Correio d' affliçaõ,
Faz meu coraçaõ
Mais triſte, e ſaudoſo.

Em buſca de infeliz preza,
Huns com os outros topando,
Andaõ carnívoros lobos
Pelos montes ululando.
E ſe acaſo paſſaõ
Por eſtes arbuſtos,
Mil gélidos ſuſtos
Me eſtaõ motivando.

Em fim quanto vejo, e ſinto
Neſta triſte ſolidaõ;
Tudo eſtá reproduzindo
A mais horrida affliçaõ.
Funebres horrores
Que cauſaõ eſpanto
Meu lugubre pranto
Promovendo eſtaõ.

Mas se Marilia agora
Neste horror apparecia;
Depressa a noite mudava
Mais brilhante do que o dia.
Seus olhos formosos,
Que mil prizoens tecem,
Aonde apparecem
Tudo he alegria.

LYRA X.

A' BELLA Cyth'rea
Do roſto claro
Lagrimas correm
Por ter perdido
O filho caro.

Ternos ſoluços
D'alma naſcidos
A Deuza exalla;
E aos ares ſobem
Com mil gemidos.
Aos Ceos dirige
Amarga queixa;
E contra o filho
Que ama, e naõ vê;
Aſſim ſe queixa:

Onde t' escondes?
Porque fugiſtes?
Sem te lembrares
Venus ficava
Saudoſa, e triſte.
Sem ti Adonis
Feió me parece;
Marte ſem ti
Doces encantos
Me naõ merece.

Vem a meus braços
Prenda querida;
E ſem demora
Vem a meu peito
Dar nova vida.

Debalde em Gnido
Ver-te penſei;
Em Chypre, e Paphos
Da meſma ſorte
Em vaõ buſquei.

Já que naõ ouves
O meu chamar,
Ao meſmo Averno
Se p'ra lá foſte
Te irei buſcar.
Qual velóz ſeta
Que o ar ſacode;
Venus partio
Buſcando amor
Que achar naõ pode.

Corre emvaõ todo
Reino da morte;
Té que por fim
Junto a Marilia
A guía a sorte.
No seu cabello
Que tem cahido;
Alegre a Deuza
Encontra amor
Nelle perdido.

LYRA XI.

ERGASTULO cruento
Onde naõ entra a Aurora!
Penſas que a ſombra tua
A vida me devora?
Naõ penſes tal maldade,
Eu morro de ſaudade.

Se penſas que os teus ferros
Horriveis, e pezados,
Me tem os rijos oſſos
Com dores traſpaſſados:
Naõ penſes tal maldade;
Eu morro de ſaudade.

Se penſas que a triſteza
Deſta maſmorra eſcura,
Me leva por momentos
A' fria ſepultura:
Naõ penſes tal maldade,
Eu morro de ſaudade.

Se o álito que deitas
Tu julgas que me impeſta;
Se penſas que a matar-me
Já pouco, ou nada reſta:
Naõ penſes tal maldade,
Eu morro de ſaudade.

Se a falta de alimento,
Se a trabalhoſa lida,
Tu penſas que me tiraõ
As forças para a vida:
Naõ penſes tal maldade,
Eu morro de ſaudade.

Se a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate;
E cuidas que me vence
Taõ rigido combate:
Naõ penſes tal maldade;
Eu morro de ſaudade,

Se penſas que eſſas furias
Alectos, e Megéras,
Me pódem dentro d' alma
Tirar d' amor as véras:
Naõ penſes tal maldade,
Eu morro de ſaudade.

Se penſas que da ſorte
O horrido governo
Me leva a cada paſſo
Ao tenebroſo Averno:
Naõ penſes tal maldade,
Eu morro de ſaudade.

Já que até agora,
Horrido canto
Com turvo pranto
Soltei ao ar:
Por ti Marilia
Vou ſuſpirar.

Naõ ſaõ os ferros
Que me atormentaõ;
Nem mais augmentaõ
Eſte pezar.
Por ti Marilia
Vou ſuſpirar.

Tudo soffrera,
Nada sentíra;
Se aqui te víra
Neste lugar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Só com teus olhos,
Breves instantes,
Dias brilhantes
Me pódes dar.
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Quando discorro,
Que te naõ vejo,
Nem hum bocejo
Posso formar:
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Vencerás tudo
Quanto me atterra;
Naõ temo guerra
Tendo-te a pár:
Por ti Marilia
Vou suspirar.

Eſtes trabalhos
Naõ me daõ corte;
Conduz-me á morte
Naõ te gozar.
Por ti Marilia
Vou ſuſpirar.

Mas

Mas baſta já de canto:
Ergáſtulo cruento!
Bem vês que naõ me aterra
Teu horrido tormento.
Acaba a humanidade
Nas garras da ſaudade.

Se aqui vier hum dia
Marilia linda, e bella,
A quem minha alma adora;
Lhe dize, que por ella:
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

LYRA XII.

Fortuna, e Dirceo.

DE Creſſo as riquezas
Te moſtro Dirceo,
Se deixas Marilia
Será tudo teu.
Serás grande ſenhor,
De nada val amor.

De marmor Marpezio,
De Tectos dourados,
Teus grandes palacios
Serão respeitados.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Em aureas Berlindas,
Por Urcos puxadas,
Serás conduzido
Com armas gravadas.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

A pompa luzente
Da Corte brilhante
Dirceo por honrar-te
Terás todo o instante.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Se luxo quizeres
Terás luxo tanto;
Que dês aos mais horas
D' inveja, e de pranto.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas
A propria grandeza;
Que tudo he ſublime,
Aonde ha riqueza.
Serás grande ſenhor,
De nada val amor.

Se Throno quizeres
Dar-te hei alto Throno;
De terras, e Reinos,
Dirceo, ſerás dono.
Serás grande ſenhor,
De nada val amor.

Apenas deixares
Marilia formoſa,
De tudo o que digo
Sem dúvida goza.
Serás grande ſenhor;
De nada val amor.

Dirceo.

Fortuna, que buſcas
Com tantos poderes;
Com outros reparte
Teus grandes haveres.
Naõ quero ſer ſenhor,
Mas rico ſou d' amor.

A prata burnida
Por maõ delicada
A frente taõ branca
Naõ he comparada.
Naõ quero ſer ſenhor;
Mais rico ſou d' amor.

Quaes saõ as Safiras,
Que breves instantes
Lhe deixem sem lustre
Seus olhos brilhantes.
Naõ quero ser senhor;
Mais rico sou d' amor.

As Rozas mais rubras,
A côr da Açucena,
Lhe mostraõ na face,
Que lucida scena!
Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d' amor.

Na boca formoſa,
Rubins delicados,
Lhe deixaõ pequenos
Recintos fechados.
Naõ quero ſer ſenhor;
Mais rico ſou dᵉ amor.

Mas ah! que eu naõ buſco
Marilia pintar-te;
Por outros motivos
Dezejo raivar-te.
Naõ quero ſer ſenhor;
Mais rico ſou dᵉ amor.

Se tu podes tanto,
Fortuna invejoſa;
Porque me naõ tiras
Marilia formoſa?
Naõ quero ſer ſenhor,
Mais rico ſou dʿ amor.

Marilia he conſtante,
Dirceo ſe disvella,
Mais bens naõ dezejaõ
Nem elle, nem ella.
Naõ quero ſer ſenhor,
Maïs rico ſou dʿ amor.

Val tanto Marilia,
Fortuna cruenta;
Que a ſeus predicados,
Que mais ſ' accreſcenta?
Naõ quero ſer ſenhor,
Mais rico ſou d' amor.

Se tu por Marilia
Me dás prata, e ouro
He que ella mais val
Que todo o Theſouro.
Naõ quero ſer ſenhor,
Mais rico ſou d' amor.

Se pompa, e grandeza
Por ella me tornas;
Com ella, oh Fortuna,
O Templo mais ornas.
Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d' amor.

Eu quero a Marilia
Naõ quero riquezas;
No extremo sou grande,
Naõ buſco grandezas.
Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d' amor.

Se pobre me vires,
Eu nunca exeſpero;
Pois tendo a Marilia
De ti nada quero.
Naõ quero ſer ſenhor,
Mais rico ſou dˢ amor.

Fortuna, naõ quero
Mais ver-te importuna;
Quem tem a Marilia
Tem toda a fortuna.
Nao quero ſer ſenhor,
Mais rico ſou dˢ amor.

De mim, oh Fortuna,
Te vinga raivosa;
Porque a ti prefiro
Marilia formosa.
Naõ quero ser senhor,
Mais rico sou d' amor.

LYRA XIII.

EM carro de branca neve
Pelos Aquiloens puxado,
Aſſoprando rijos ventos,
Vai fugindo a longos paſſos
O triſte Inverno engilhado.
Comſigo levou
A fria Eſtaçaõ;
Agora ſó corre
Branda viraçaõ.

De Favonio a docil aura
Já a Primavera reſpira;
E de pullulantes flores
Vai veſtindo os verdes campos
Que o Inverno deſtruíra.
Ligeiros Zephiros
Nas azas ſoltidos,
Por entre os raminhos
Adejaõ perdidos.

Com sôm medonho esta fonte
No triste inverno corria;
Hoje em segredo murmura
Convidando o caminhante
Com a linfa pura, e fria.
Com sereno passo
Por estas campinas
Os pés vai beijando
A's lindas boninas.

Que feiticeiros encantos
Naõ prezenta a natureza!
Quanto os meus olhos alcançaõ,
Em tudo brilhando eſtá
Huma natural belléza.
Diſpoſtas ſem arte
Mil cheiroſas flores
O prado matizaõ
Com vívidas cores.

Mas se a meu lado te visse,
Minha Marilia adorada;
Os transportes que em mim sinto,
Mais sublimes os faria
A tua face engraçada.
Em teu lindo rosto
Pôz a natureza
Magicos encantos
Da maior belleza.

LYRA XIV.

CONTENTE promette
Alcino Paſtor
(A dar-lhe Marilia)
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia
Amor lhe promette;
Alcino goſtoſo
Os votos repete.

Marilia adorava
O seu Pescador
Sem elle hum momento
Naõ tinha calor.

Dirceo desvelado
Por ella morria;
As trutas mais frescas
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece
Ser couſa odioſa
Roubar a Dirceo
Marilia formoſa.

Mas tinha d' Alcino
Mil votos Amor;
Pois era na Aldêa
Mais rico Paſtor.

Entrou o vendado
Na dura batalha;
E sobre os amantes
Ciumes espalha.

Mas eraõ taõ firmes
Os seus corações
Que o zello naõ pode
Quebrar-lhe as prizoens.

Amor cavilloſo
Que vive em receio;
Se vaõ a abraçar-ſe,
Se mette no meio.

Os braços abrindo
Os quer ſeparar;
Mas fez nos amantes
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede
Que cumpra a promeça:
Amor as filladas
De novo começa.

No braço lhe pega;
A ella o prezenta,
E as faces rozadas
A elle lhe aumenta.

Marilia engraçada
Sem ter turbaçaõ,
Poem logo raivosa
Os olhos no chaõ.

A elles voando,
Lhos quer levantar;
Mas ella constante
Os chega a fechar.

Do cáro Dirceo
A vóz escutando,
Para onde elle vinha
Os foi levantando.

Accode-me, accode,
Oh meu Pescador!
Marilia tu vinga
D' Alcino, e d' Amor.

Ás vozes accode
O Amante ligeiro;
E toma nos braços
O bravo frexeiro.

De sorte o aperta;
Q' Amor soffobrado;
Lhe diz: *Naõ me mates*
Estou emendado.

Já sei quanto póde
A firme constancia;
Ou sendo em prezença
Ou quando em distancia.

Alcino raivoso
Entrou a bradar:
De ti amor cego
Me quero vingar.

Já força naõ tens
Estupido amor;
Enganas a gente
Naõ tendo valor.

Amor indignado
O busca ferir:
Alcino de medo
Deitou a fugir.

Voltou-se aos amantes
E disse-lhe assim:
Buscquei separa-los
Prende-los mais vim.

Quiz dar-te Dirceo
Hum fero rival:
Se he firme a belleza
Astucia naõ val.

Dirceo a Marilia
Os braços lançou:
Amor de invejoso
Raivando voôu.

LYRA XV.

JÁ quando baixava Fébo
Do ponto do Meio dia;
E nos fogosos Ethontes
Para o Sepulcro corria:

Marilia, Pastora bella;
Brancas ovelhas pastava,
Junto d' hum bosque frondoso
Que á margem do Tejo estava.

Sen-

Sentada no tronco annoſo,
Que verdes folhas naõ tinha;
Lançava as viſtas ao longe
Para ver ſe Dirceo vinha.

Na maõ direita encoſtado
Tinha o divino ſemblante;
E para vê-la o Deos Loiro
Parava d' inſtante a inſtante.

Os olhos poêm nas ovelhas,
De novo ao monte os erguia;
Mas nas garras da saudade
Dirceo, nem ovelhas via.

De longe a divisa amor
Conhece-lhe a turbaçaõ;
Pois só elle por Dirceo
Lhe governa o coraçaõ.

Bate as azas; deu hum vôo
Junto da Paſtora bella:
Marilia eſtava de ſorte,
Que naõ foi ſentido della.

Amor entaõ s' eſcondeo
Por detráz do tronco annoſo;
Por lhe deixar campo livre
Ao ſeu extremo ſaudoſo.

Marilia, a quem já dos olhos
Corria o ſentido pranto;
Julgando que ſó eſtava,
Sólta do peito eſte canto:

Paſtor amado!
Minha alma, e vida!
Como ſentida
Aqui me tens?
Paſtor que eſperas?
Inda naõ vens?

Co-

Como he poſſivel
Que te demoras?
Sem ver que as horas
Correndo vaõ?
Deixas Marilia
Neſta afflicçaõ?

Eu naõ te chamo,
Dirceo, ingrato;
Teu terno trato
Moſtrado tem,
Que é ſó Marilia
Teu doce bem.

Nada duvido
Deſta verdade;
Mas da ſaudade
Fero rigor
Rival ſe moſtra
Do meu amor.

Ah! que eu me inflamo
Mais em querer te;
Porém ſem ver-te
Oh juſto Ceo!
Naõ te demores
Dirceo, Dirceo.

A ſaudade foi taõ forte
De Marilia neſte paſſo;
Que fica encoſtada ao tronco,
Deixando cahir o braço.

Deixa eſcapar hum gemido,
Bem proprio neſta paixaõ;
A viſta ſe lhe perturba,
Palpita-lhe o coraçaõ.

Amor

Amor de ſuſto tremeo:
Chega a ella de improviſo;
E diz-lhe: *Marilia bella*
Deixa o pranto, ſolta o riſo.

Dirceo naõ tarda hum momento;
Detraz da montanha o vi;
Movendo ligeiros paſſos,
Antes que eu te viſſe aqui.

Por final vinha cantando
Cantigas ao seu amor;
Quero repetir-te aquellas
Que pude tomar de cór.

Marilia, minha amada!
Aonde estás, aonde?
Marilia, minha amada!
Ah! que ninguem responde.
Marilia, responde
Por bocca d' amor
Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!
Aonde te hei de achar?
Marilia, minha amada...
Naõ oiço alguem fallar.
Marilia, reſponde
Por bocca d' amor
Ao terno Paſtor.

Marilia, minha amada!
Marilia, doce bem!
Marilia, minha amada...
Aqui naõ vejo alguem.
Marilia, reſponde
Por bocca d' amor
Ao terno paſtor.

Marilia, minha amada!
Aonde te hei de ver?
Marilia, minha amada...
Eu sinto-me morrer.
Marilia, responde
Por bocca d' amor
Ao terno Pastor.

Ainda mais Dirceo cantava,
Que eu naõ pude perceber:
Ah! Marilia, quanto he juſto
Teu innocente querer!

Mas ah! naõ vês a Dirceo
Como corre para nós?
O Cervo buſcando a Cerva,
Naõ, naõ corre taõ veléz.

Amor calla; ella levanta
Os olhos té li fechados;
E vendo que Dirceo vinha,
Reſpira doces agrados.

Novo luſtre lhe aparece
Nas maxillas côr de roza:
Naõ ha Paſtora no Tejo,
Como Marilia formoſa.

No roſto lhe revoáva
Huma taõ nova alegria;
Que ſendo Marilia bella,
Inda mais bella a fazia.

Entaõ Marilia soltando
Vozes d' amor, e desvello;
Já levantada do tronco,
Ligeira se apressa a vê-lo.

Amor junto della corre,
Que tambem amor queria,
Pois enlaçava os amantes,
Ter parte nesta alegria.

Dir-

Dirceo chega, e traz nas mãos
Venablo forte aguçado,
De ſangue cheio, e o pelíco
Tambem de ſangue manchado.

Marilia ſe aſſuſta logo;
De novo treme, e deſmaia:
Amor os braços lhe eſtende,
Porque na terra naõ cáhia.

Dirceo lhe diz : oh Marilia !
O teu Paſtor nada tem :
Abre os teus luzentes olhos
Naõ te aſſuſtes caro bem.

Levantou Marilia os olhos,
Lindos olhos côr do Ceo ;
E logo encontrou aquelles
Do ſeu querido Dirceo.

Que ſangue he eſſe, oh querido?
Marilia lhe perguntou:
Dirceo ſnrrindo o ſemblante,
Deſta ſorte lhe fallou:

Quando deſcendo da Serra
Trilhava o noſſo caminho;
Vejo hum Javali deitado
Entre hum alto roſmaninho.

Tremi de ſuſto lembrado
Que tu havias paſſar;
Foſſe mais tarde, ou mais cedo
Junto daquelle lugar.

Sem trazer armas algumas
Temi atacar a féra;
Qual ſería meu deſgoſto
Cára Marilia pondéra.

Ligeiro busco a Montanha;
Chego á Cabana, e tomei,
D'entre os venábulos que tinha
Este mais forte que achei.

Desço a montanha apressado;
Vejo a féra, que sahía
C'os cabellos eriçados
Do lugar em que dormia.

Corro a ella: a mim se avança;
Teu nome invoco, e d' Amor;
Feria logo, e na morte
Naõ teve mais que huma dôr.

Vem comigo prenda amada,
Vem ver o triunfo meu:
Para libertar Marilia
Naõ teme a morte Dirceo.

Da-me os teus braços em premio
Deſte trabalho que tive;
Tu vives para Dirceo,
Dirceo para ti ſó vive.

Entaõ eſtendendo os braços,
Hum ao outro ſe abraçou:
Amor chegando-ſe a elles
Mais os laços apertou.

Amor cheio de prazer,
Soltando as vozes ao ar;
Em louvor dos dous amantes
Assim começa a cantar:

Marilia formosa
Mais bella q' a roza;
D' amor saõ desvellos
Teus negros cabellos,
Teu rosto gentil.
Amor te annuncía
Prazer, e alegria;
Nos braços amantes;
Nos olhos brilhantes
Do cáro Dirceo.

Dirceo eu t' auguro
No tempo futuro;
Mais ditas, e goſto
Marilia no roſto
Te póde moſtrar.

Conſtante ventura
Carinhos, ternura
Terás conſervada
No peito da amada,
No ſeu coraçaõ.
Os premios ſaõ eſtes,
Saõ eſtas as veſtes,
Que amor vos deſtina
A amar-vos enſina
No dia melhor.

Trez vezes bateo as azas
Sobre Marilia e Dirceo;
E rompendo os denços ares
Delles desappareceo.

So-

He mais doce que o mel teu terno agrado.

SONETO.

MArilia chega, que Dirceo t'eſpera
Sobre as candidas azas da alegría:
Chega querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja ferína s' exeſpera.

Apenas no Orizonte amanhecêra;
E Fébo os louros raios repartia;
Já dentro neſta Aldêa ſe ſabía,
Que a cauſa deſte bem, Marilia era,

Tu já vês como ſalta o Cordeirinho
Alegre atraz da mãi no verde prado:
Ouves cantar o alado paſſarinho:

Pizas a inveja, rindo-te do Fado:
He mais puro que o leite o teu carinho
He mais doce que o mel teu terno agrado

Recebe os cultos deſte peito amante.

SONETO.

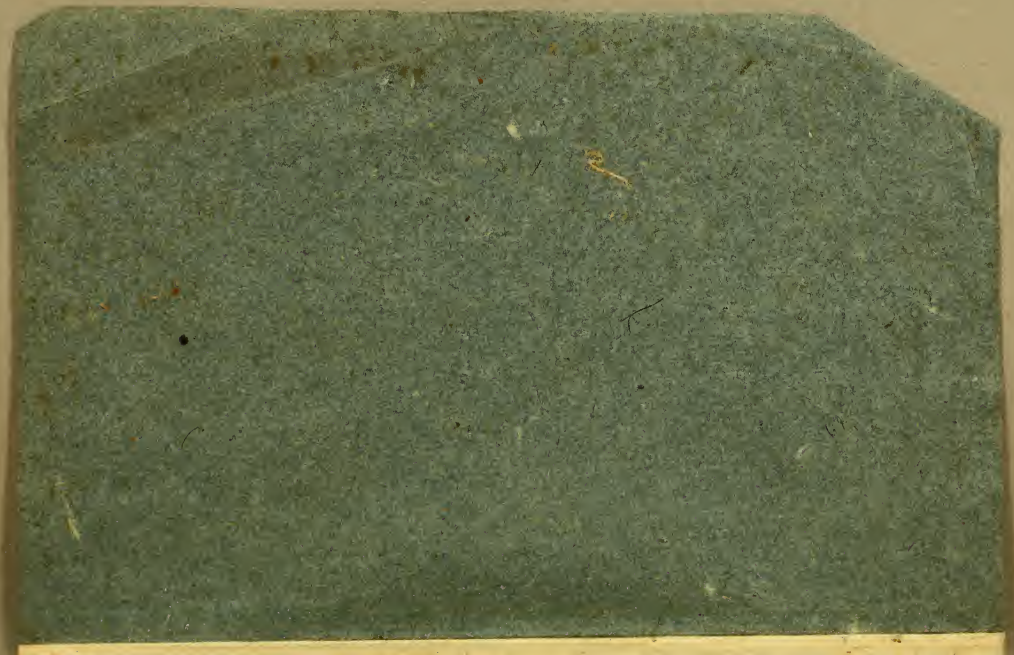
OH Marilia gentil ao Templo vamos
Onde amor tem na Pira fogo ardente;
Quero-te alli; dezejo-te prezente;
Pois q̃ os dons da firmeza em nós levamos.

Eſte o grande Portal; já que chegamos
Repara neſta Maſſa reluzente;
Impuro coraçaõ naõ ſe conſente
Em torno ás Aras, onde a viſta alçamos,

Aqui d' Amor a chama s' accreſcenta
Em todo o peito fido, alma conſtante;
Aqui ſe morde a entriga turbulenta.

Mas, Marilia! meu bem! hum breve inſtante
Ao Altar [illegible], junto a Amor t' aſſenta
Recebe os cultos deſte peito amante.

FIM.

C800
G642m

CC-RCR-1/64/11
6,000